

travestis em produzir sua feminilidade. Preocupado com o tratamento possível e justo aos pesquisados, há uma pergunta que sai de foco e retorna constantemente, afinal “quem são eles?”. Definição por vezes inviabilizada por tantas ponderações, diferenças de gerações, de questões que entrecruzam as vidas dos travestis, os desejos e mentiras diversas. Conclui com a definição do fenômeno do transvestitismo como uma transcondição. Soa ao leitor uma última fuga da definição para em seguida parecer absolutamente plausível.

Se, somente pela “manhã”, o autor consegue emergir de tantos relatos, auto-definições momentâneas e artimanhas é porque critica a estigmatização cunhada em considerações psicosssexuais ou patológicas. De fato, “o principal trabalho do travesti é a correção de sua própria natureza”, ou seja, a fabricação de seu corpo. Fica-nos a evidência de que o corpo está sendo sempre modificado, em definição. Se esta transcondição não os situa em lugar algum, os situa diante de um gosto pela negociação ou condenação a viver “pelo truque”. Vive-se a dupla (ou tripla) condição, o masculino e feminino. Negocia-se insistentemente a condição, vive-se o jogo de espelhos. Negociações de papéis? Nem todos os papéis são possíveis quando a condição requer modificações corporais, silicone, cirurgias.

Este livro tem um duplo mérito e talvez resida aí parte da perplexidade provocada. É um texto produzido pelo autor imerso em explicações êmicas, sem entrar em rota de colisão com os pesquisados. Não perca de vista, por outro lado, os rodapés. Chamo a atenção aos pesquisadores de que neste livro tomamos contato com um produto altamente revelador do processo de trabalho de campo. As discussões em seminários, os *insights* de outros pesquisadores, estão presentes e nomeados no texto. Lendo os rodapés, pode-se aprender um pouco da dinâmica da criação sócio-antropológica necessária para levá-la ao bom termo. Rompe-se com, o que tem vigorado no texto etnográfico, a ilusão do “pesquisador solitário”.

DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente.* Petrópolis, Vozes, 1994, 374 páginas.

Wladimir Ungaretti
Professor do Departamento de Comunicação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

“O mais profundo é a pele.”
Paul Valéry

A Editora Vozes está colocando à disposição dos estudiosos dos fenômenos da modernidade mais um livro de Régis Debray. Estamos falando de *Vida e morte da imagem* em que o pensador francês propõe uma nova periodização da história ocidental, e, mais especificamente, lança importantes elementos para a construção da história do olhar. Este é o segundo livro editado pela Vozes desse autor. No ano passado chamou a atenção de um pequeno círculo o livro *Curso de midiologia geral*. Nenhuma relação com mídia.

Apenas para situar: Régis Debray é o jornalista que acompanhava Che Guevara na selva boliviana e que foi preso antes da morte do líder guerrilheiro. Influenciou toda uma geração de militantes, na década de 70, com o livro *Revolução na revolução*. Mas não é só isso. Debray já tinha participação em muitas das polêmicas teóricas travadas na França. Foi aluno de Louis Althusser, na Escola Normal Superior. Participou de atividades com Félix Guattari, Derrida, Gilles Deleuze, Foucault e outros pensadores franceses. O livro *Vida e morte da imagem* tem uma epígrafe de Michel Serres, autor dos importantes livros *O contrato natural* e *Filosofia mestiça*, estes editados pela Nova Fronteira.

Tanto no *Curso de midiologia geral* como em *Vida e morte da imagem* Debray propõe uma nova periodização: logoesfera, grafoesfera e videoesfera. Para alguns estudiosos ele, de alguma forma, (re)atualiza Marshall McLuhan, autor de *Os meios de comunicação como extensões do homem* que, por sinal, é um livro que está completando trinta anos de sua primeira edição. Mas um aspecto, igualmente interessante é o resgate que Debray também faz de Auguste Comte. Sem nenhum trauma ele cita Comte: “a generalidade mais imperfeita supera teoricamente a pura especialidade.”

O livro *Vida e morte da imagem* é uma instigante reflexão sobre a história do olhar no ocidente. Uma curiosa (re)descoberta sobre questões da máxima atualidade: “somos a primeira civilização que pode julgar-se autorizada por seus aparelhos de acreditar em seus olhos.” “Em língua corrente estou vendo substituiu eu compreendo.” O primeiro capítulo do livro, denominado *Gênese das imagens*, é um detalhado levantamento histórico sobre o “olhar ocidental”.

E, para marcar radicalmente algumas das diferenças do “olhar ocidental” com outras civilizações Régis Debray abre seu livro com uma curiosa e deliciosa história:

“Certo dia, um imperador chinês pediu ao principal pintor da corte para apagar a cascata que tinha pintado afresco na parede do palácio porque o ruído da água impedia-o de dormir. A anedota tem um certo encanto para nós que acreditamos no silêncio dos afrescos.”

O livro de Régis Debray é da mais absoluta atualidade quando verificamos que grande parte dos debates sobre a modernidade, com suas noções de tempo e espaço, se abrem (pelo menos no Ocidente) para um tempo não mais cronológico passado-presente-futuro, mas, segundo Paul Virilio, a um tempo cronoscópio: subexposto-exposto-superexposto. É uma importante contribuição aos debates sobre as “superestradas interativas”; sobre o fato de que cada vez mais transferimos nossos julgamentos de valor, nossa medida dos acontecimentos, do objeto para sua figura, da forma para sua imagem. Na “videoesfera” vivemos um mundo de “telecidades” e de absoluta poluição “dromosférica”.

Gaste um pouco seu olhar. *Vida e morte da imagem* é o mais puro prazer-dosaber-acerca-de-um-tudo. Até a vista.